

CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT



Melhoria no acesso ao crédito impulsionou avanço

Intenção de consumo de famílias sobe 0,5% em junho

Os brasileiros ficaram mais propensos às compras em junho, segundo a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). A Intenção de Consumo das Famílias (ICF) subiu 0,5% em relação a maio, já descontadas as influências sazonais, para o patamar de 102,4 pontos, mantendo-se na zona de satisfação. Em junho, o ICF registrou

Seis crescem	Endividamento
Segundo a CNC, de maio a junho, houve crescimento em seis dos sete componentes do ICF: renda atual (+1,2%); nível de consumo atual (+1,1%); perspectiva profissional (0,5%); perspectiva de consumo (+1,2%); acesso ao crédito (+2,5%) e bens de consumo duráveis (+0,1%).	“Vemos o reflexo de estímulos contraditórios: de um lado, maior oferta de crédito e o viés de melhora no emprego; de outro, a inflação e os juros, com o endividamento crescente afetando o avanço da inadimplência”, avaliou o economista João Marcelo Costa, da CNC, em nota.



Nathana Rebouças - unsplash

Viés positivo do crédito ainda não captou impacto do IOF

Carteira de crédito registra alta anual de 11,4% em maio

A carteira de crédito do Sistema Financeiro Nacional (SFN) deve ter crescido 0,5% em maio deste ano na comparação com abril, aponta a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Na comparação anual, houve alta de 11,4%. A Febraban espera que, no comparativo mensal, o melhor desempenho seja da carteira para em-

Cedo	Impulso
Os bancos esperam enfraquecimento nas contratações de linhas de capital de giro, pela alta do IOF. “Ainda é cedo para mensurar o impacto total dessas medidas, mas os efeitos da medida estão no radar”, afirmou o diretor da Febraban, Rubens Sardenberg.	Por outro lado, a carteira PJ com recursos direcionados deve subir 1,1% em relação a abril, sob impulso de programas com aval do Tesouro, como o FGI-PEAC. No crédito para pessoas físicas, os bancos estimam crescimento de 0,4% entre abril e maio, com alta de 0,5% na carteira livre.
Desaceleração	Recuo
O Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S) tende à desaceleração, pela queda dos alimentos ‘in natura’ nesse período do ano, além da redução de preços dos combustíveis, avaliou o coordenador do índice do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da FGV, André Braz.	Da 2ª para a 3ª quadrissemana, o IPC-S ‘encontrou’ de 0,25% para 0,19%. “Mesmo com a bandeira tarifária vermelha, o IPCS desacelera, sem pressão da alimentação”, pontua Braz, para quem, o recuo do grupo de Transportes reflete a redução dos preços dos combustíveis”.

Focus reduz IPCA em 0,01 p.p.; PIBinho sobe o mesmo

Queda ‘ínfima’ de índice sinaliza que Selic ficará elevada ‘sine die’

Por Marcello Sigwalt

Atestado da ineficácia da política monetária monolítica perpetrada pelo Planalto – que acabou de dar mais um aperto no bolso do brasileiro, ao alçar a Selic ao patamar de 15% ao ano, segunda maior taxa real do planeta – o ‘condescendente’ mercado financeiro conferiu uma redução ‘microscópica’ à sua estimativa do IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) para 2025, que recuou 0,01 ponto percentual, de 5,25% para 5,24%.

Tal retração ‘desprezível’ só confirma a tendência de que o teto da meta de inflação – fixado em 4,5% para este ano, pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) – deverá ser estourada, mais uma vez este ano, a nona, nos últimos 26 anos. Com o ‘horizonte relevante’ – referência para o ajuste da taxa básica – indo ‘às calendas’, restou manter a previsível estabilidade para os dois próximos anos, com o índice permanecendo em 4,5% e 4% para 2026 e 2027, respectivamente. Exceção feita para 2028, mantido em 4%



Prefeitura de Itanhaém

Desajuste fiscal com motivação eleitoreira é o maior entrave ao crescimento econômico

Igualmente pífia foi a previsão de avanço do PIB (Produto Interno Bruto) para o ano corrente, de 2,20% para 2,21%, como também para 2026 e 2027, de 1,83% para 1,85%, respectivamente. Ou seja, levando em conta que a inflação não será ‘debelada’ facilmente, ante um mercado de trabalho aquecido, o hori-

zonte para os próximos anos deve ser marcado por taxas de crescimento ‘nanicas’.

Em ‘alinhamento automático’ ao tom adotado pelo Copom em seu comunicado da semana passada – que admitiu elevar, além de 15% ao ano o patamar da Selic – o Focus ‘ajustou’ neste patamar sua previsão para 2025, man-

tida em 12,50% ao ano para 2026 e em 10,50% ao ano, para 2026.

Quanto ao desempenho das contas externas, a banca manteve em US\$ 74 bilhões o superávit da balança comercial e em US\$ 78 bilhões para 2026. O investimento estrangeiro direto continuou em US\$ 70 bilhões, o mesmo para 2026.

BB sela acordo para captar US\$ 700 mi

Banco do Brasil (BB) fechou um acordo para captar até US\$ 700 milhões (o equivalente a R\$ 3,9 bilhões) com aval da Multilateral Investment Guarantee Agency (MIGA), braço do Banco Mundial que dá garantias para incentivar investimentos.

Os recursos serão aplicados em financiamentos a micro, pequenas e médias empresas (MPMEs) exportadoras e projetos sustentáveis no País, de

acordo com o banco. Incluem-se neste grupo operações de comércio exterior, de financiamento à produção sustentável e projetos de energia renovável.

Com o aval, que é de até 95%, o BB consegue captar a custos menores. Os US\$ 700 milhões serão desembolsados ao longo de três anos, com até um ano para cada desembolso. A primeira tranche teve pagamento imediato, de US\$ 350 milhões, com recursos de

instituições como o espanhol BBVA e o HSBC.

“A atuação internacional do Banco do Brasil está cada vez mais alinhada às grandes agendas globais”, diz em nota o vice-presidente de Negócios de Atacado do BB, Francisco Lassalvia.

“Essa captação reforça a presença estratégica do banco junto a agências multilaterais, bancos globais e parceiros, com o objetivo de promover o

desenvolvimento sustentável e ampliar a competitividade das empresas brasileiras no exterior.”

“Ao expandir o acesso através do programa, estamos apoiando a transição de energia limpa do Brasil e ajudando a desbloquear o potencial das MPMEs para participação dessas empresas no comércio global”, afirma o vice-presidente executivo da MIGA, Hiroshi Matano.

Petróleo ‘despenca’ US\$ 4 com ataque

Os preços do petróleo caíram mais de US\$ 4, ou quase 6%, nesta segunda-feira (23), depois que o Irã atacou a base militar dos Estados Unidos no Catar, em retaliação aos ataques dos EUA às suas instalações nucleares, e não tomou medidas para interromper o tráfego de navios-tanque de petróleo e gás através do Estreito de Ormuz.

Os contratos futuros do petróleo Brent caíram US\$ 4,29, ou 5,57%, para US\$ 72,72 por barril, por volta de 14h55 (horário de Brasília). O petróleo West Texas Intermediate dos EUA (WTI) caía US\$ 4,11, ou 5,57%, a US\$ 69,73.

Explosões foram ouvidas sobre a capital do Catar, Doha, segundo uma testemunha da Reuters, pouco depois de um diplomata ocidental ter dito que havia uma ameaça iraniana crível contra a base aérea de al Udeid, administrada pelos EUA, no Estado árabe do Golfo.



Petrobras

Investida dos EUA no Irã acirra risco de desabastecimento

“Os fluxos de petróleo, por enquanto, não são o alvo principal e provavelmente não serão afetados; acho que será uma retaliação militar contra as bases dos EUA e/ou uma tentativa de atingir mais alvos civis israelenses”, disse John Kilduff, sócio da Again Capital.

O Catar disse que fechou seu espaço aéreo, enquanto o espaço aéreo dos Emirados Árabes Unidos foi fechado com base em rotas de voo e áudio de controle de tráfego aéreo, de acordo com a Fliht radar.

O presidente dos EUA, Donald Trump, disse que ha-

via “obliterado” as principais instalações nucleares do Irã em ataques no fim de semana, juntando-se a um ataque israelense que escalou o conflito na região, já que Teerã prometeu se defender.

Israel realizou novos ataques contra o Irã nesta segunda-feira, na capital, Teerã, e na instalação nuclear iraniana de Fordow, também atacada pelos EUA.

Pelo menos dois superpetroleiros deram meia-volta perto do Estreito de Ormuz após os ataques militares dos EUA contra o Irã, segundo dados de rastreamento de navios, já que mais de uma semana de violência na região levou as embarcações a acelerar, pausar ou alterar suas viagens.

Cerca de um quinto do suprimento global de petróleo passa pelo estreito. No entanto, o risco de uma paralisação completa é baixo, segundo analistas.

ANS define teto de 6,6% para planos

A Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) anunciou nesta segunda-feira (23), um teto de 6,06% para o ajuste nos valores dos planos de saúde individuais e familiares já contratados. O aumento refere-se ao período entre maio de 2025 a abril de 2026 e deve ocorrer no mês de aniversário do plano. Planos que aniversariam em maio ou junho deverão ser ajustados em julho ou, no máximo, em agosto.

“Nosso objetivo é garantir equilíbrio ao sistema: proteger o consumidor de aumentos abusivos e, ao mesmo tempo, assegurar a sustentabilidade do setor”, afirmou a diretora-integrante de Normas e Habilitação dos Produtos da ANS, Carla Soares.

O Instituto de Defesa de Consumidores (Idec) criticou a ANS por deixar de fora os planos de saúde contratados de forma coletiva. Segundo o

órgão, planos individuais e familiares representam apenas 16,5% do mercado.

“O teto anunciado deixa de fora parcela considerável dos contratos do setor, reajustada em patamares histórica e significativamente superiores. Trata-se das diferentes modalidades de planos coletivos: os planos empresariais, os planos coletivos por adesão e os planos contratados por microempreendedores, por exemplo”,

diz a coordenadora do Programa de Saúde do Idec, Marina Pautelli.

Em 2025, as principais queixas apontadas se referem a: Reajuste abusivo (25,85% dos casos);

Problemas com contrato, como reembolso e descredenciamento (19,49%);

Cancelamentos unilaterais (13,14%);

Negativa de cobertura (13,14%).